

RABISCOS DE UM ESCRIVINADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

253. AVENTURAS DE UM SUPER-DIABO

Difícil imaginar alguém que não fosse Maquiavel para escrever a deliciosa “estória” de Belfagor, o simpático super-diabo ou arqui-diabo (“arcidiavolo”) que, um dia, deixou o inferno para vir à terra experimentar a vida de casado. Houve uma razão para isto: todos os que apareciam no inferno por terem morrido longe da graça de Deus, queixavam-se do casamento. Os juízes espantaram-se com isto, supondo alguns que se tratava de invencionice das vítimas ou da conhecida má vontade para com as mulheres. Nada como examinar pessoalmente o assunto. E decidiu Plutão enviar à terra Belfagor, que tinha no inferno o título de arqui-diabo, pois antes de se perder era um arcanjo.

Andou por vários lugares, decidindo fixar-se em Florença, onde se apresentou como elegantíssimo cavalheiro, com o nome de Dom Rodrigo, procedente de Castela, deixando assanhados todos os pais de donzelas casadoiras dispostos a “empurrar” as filhas para o primeiro ricaço que aparecesse. E Belfagor acabou consorciando-se com a bela Honesta, filha de um certo Américo Donati. A experiência matrimonial não foi nada satisfatória. Em breve começaram os dissabores e aborrecimentos do novo estado: ciúmes da mulher, brigas com seus parentes, encrencas com a sogra, exploração por parte da família da mulher, gastos excessivos desta que, a todo instante, queria aparecer na sociedade, enfim verificou logo que o “lar, doce lar” não existia. Entendeu, então, o porquê das reclamações e achou melhor abandonar tudo e voltar para o inferno.

Em torno da “estória” de Belfagor, e com este mesmo título, Ottorino Respighi (1879-1936), certamente o maior compositor italiano deste século, compôs uma ópera sobre libreto de Cláudio Guastalla, estreada no “Scala”, de Milão, a 26 de abril de 1923. O libretista deslocou a cena para uma pequena aldeia da Toscana, cujo ambiente lhe pareceu mais propício à movimentação dos participantes da curiosa trama que envolveu Belfagor, levando-o a sentir melhor que numa cidade grande o efeito de sua experiência. Os personagens também foram transmutados: Américo é substituído por Mirocleto, farmacêutico da aldeia, e Honesta torna-se Cândida.

Não deve ter sido fácil transformar um conto numa ópera. Daí, a capacidade inventiva do libretista, criando situações e personagens que não existem no conto original, mas que refletem bem as situações desejadas, sem trair o espírito que Maquiavel pretendeu com seu trabalho. Mais ainda: deu a certos momentos da ópera quase que o sentido da “*commedia dell’arte*”, típica do fim da Idade Média e do Renascimento.

Nunca tive oportunidade de saber alguma coisa acerca da receptividade da ópera de Respighi. Conheço-a apenas por uma gravação particular, fora de comércio, embora de excelente qualidade. No Brasil nunca chegou a ser encenada, como, aliás, creio que nenhuma outra ópera do compositor italiano. De fato, embora tenha composto outras óperas, Respighi é lembrado hoje como grande sinfonista, autor dos admiráveis poemas sinfônicos evocando a cidade de Roma (“*I pini di Roma*”, “*Le fontane di Roma*”, “*Feste romane*”) e ainda “*Vetrata di chiesa*” e “*Trittico Botticelliano*”. Esteve no Brasil em 1927, regeu concertos em São Paulo e compôs, em homenagem ao nosso País, as “*Impressioni Brasiliane*”, cujo último movimento descreve suas impressões da visita ao Butantã, o famoso serpentário da capital paulista. 30-5-1992.

*

254. TIRADENTES, 200 ANOS

As efemérides comemorativas de centenários de pessoas ou fatos de nossa história constituem ocasiões muito propícias a uma reavaliação dos acontecimentos em foco, implicando não raro em contribuições excelentes para o melhor conhecimento de nosso passado. Destas ocorrências comemorativas resulta quase sempre um apreciável enriquecimento da bibliografia respectiva.

Assinalando o corrente ano obicentenário da morte de Tiradentes, era de se esperar que o mesmo acontecesse com o glorioso mártir de 1792 e com a própria Inconfidência Mineira, contexto em que se insere Joaquim José da Silva Xavier. É possível que ainda apareçam tais contribuições. Isto não significa menosprezo para com o que já existe sobre o assunto. As obras clássicas de Lúcio José dos Santos, Augusto de Lima Júnior ou de Kenneth Maxwell sobre a Inconfidência, ou a de Oiliam José sobre Tiradentes, continuarão sempre na ordem do dia.

Apraz-nos, todavia, registrar uma grande realização procedente da Imprensa Oficial mineira através de um magnífico suplemento do jornal "O Minas Gerais". Suplemento que - não titubeamos em afirmar constituirá doravante peça de consulta obrigatória para o que tiver de se escrever sobre o assunto. 56 páginas em grande formato, o que, reduzido a livro, daria um volume de alentadas proporções.

Elaborado por Pascoal Mota, com a colaboração do renomado historiador Waldemar de Almeida Barbosa, autor de títulos excelentes da historiografia mineira (inclusive sobre Tiradentes), o suplemento reúne mais de vinte artigos, muitos constantes de excertos de obras já consagradas, como as de Augusto de Lima Júnior, Oiliam José, Gilberto de Alencar, Eduardo Frieiro, Curt Lange, além de autores novos que têm se dedicado ao tema, como Jorge Flamarion, Júlio Chiavenato, Joel Rufino dos Santos, Sérgio Faraco, Adorno Dias, Isolde Brans, entre outros. Alguém poderá estranhar este apelo a autores do passado, quando, certamente, a historiografia mineira atual poderia dar valiosa contribuição, suficiente para preencher toda a dimensão do suplemento. Certo. Mas, convém lembrar que as páginas escolhidas, além de muito significativas, constam de livros mais antigos, alguns até bastante raros, que o leitor moderno talvez tenha dificuldade de encontrar, a não ser, naturalmente, em boas bibliotecas. Assim, pôr à disposição do leitor excertos bem escolhidos pareceu-nos tarefa meritória.

Um destaque para duas "curiosidades" bibliográficas: o excerto de um livro sobre Tiradentes publicado na Rússia por Oleg Ignátiev, divulgado em tradução espanhola; e uma sinopse do significativo trabalho que vem sendo desenvolvido, ainda a concluir-se, pela Professora Isolde Brans, de Campinas, autora já conhecida pelos seus estudos sobre os profetas do Aleijadinho. Seu estudo, uma vez concluído, lançará, sem dúvida, novas luzes sobre Tiradentes e a Inconfidência.

E assinale-se, ainda, a publicação na íntegra das onze "inquirições" ao Tiradentes, constantes dos "Autos de Devassa". E também, fechando o suplemento, um bem elaborado mapa da área geográfica da Inconfidência, de autoria de Eduardo Canabrava Barreiros.

Grande serviço aos estudos históricos prestou a Imprensa Oficial de Minas Gerais com a publicação desse suplemento. 8-8-1992.

* *

255. JOSÉ BONIFÁCIO, SILVICULTOR

É sabido que José Bonifácio, o patriarca de nossa Independência, tem o seu nome vinculado também à história da ciência, notadamente nas áreas da geologia e da mineralogia, assuntos sobre os quais muito escreveu, com numerosos trabalhos publicados em conceituadas revistas da época. Esta fase pré-política do grande Andrada desenvolveu-se quase toda na Europa, ou seja até 1819, ano em que regressou ao Brasil. Sua produção científica foi, na maior parte, publicada em reedição fac-similar por Edgard Cerqueira Falcão na belíssima obra que preparou para comemorar o bicentenário de José Bonifácio, transcorrido em 1963.

Mas, não foi apenas pela mineralogia que Bonifácio se interessou. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro vem de reeditar, integrando uma nova coleção denominada precisamente “José Bonifácio”, um curioso e muito interessante trabalho do Patriarca, qual seja a **Memória sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal**, no qual se revelam seus conhecimentos de botânica e, especialmente, de silvicultura. Essa **Memória** foi publicada em 1815, sob os auspícios da Real Academia das Ciências de Lisboa e foi reeditada duas vezes anteriormente à edição de que estou cuidando nesta nota: uma, em 1925, pelo Ministério da Agricultura, e outra, sem indicação de data, pela Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza. Portanto, a edição que vem de ser publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já é a quarta da preciosa memória andradina. É curioso observar que o importante trabalho, publicado, como se disse, em 1815, tenha levado bem mais de cem anos para ser divulgado no Brasil. Para a edição de 1925, Pedro Calmon elaborou erudita introdução, reproduzida integralmente nesta recente edição.

Américo Jacobina Lacombe, então presidente do Instituto, lembra, na apresentação, que “a nação vive hoje sob a angústia dos avisos dos sábios acerca da necessidade de salvar nossas matas”, e recorda que Portugal, no início do século passado, enfrentou ameaça semelhante: “E a obra que advertiu o país para o risco de seu desnudamento das árvores foi a memória de um brasileiro que era então um dos expoentes da cultura de

Portugal". De seu lado, Marcelo de Ipanema, encarregado da nova edição, lembra com toda a propriedade que a **Memória** de José Bonifácio, embora se refira particularmente a Portugal, constitui-se "em lição com aplicação em qualquer parte do planeta... falando para Portugal, dirigia-se para as áreas de cultura lusa e para o exterior".

Os treze capítulos em que se divide a **Memória** tratam desde o preparo das terras até a administração das matas, transmitindo com frequência ensinamentos hauridos em outros países. Chegou o autor a anunciar a elaboração de um compêndio de toda a ciência florestal, adaptando a Portugal "idéias e observações" que fez em suas dilatadas viagens. Portanto, um livro de experiências feito. Desculpa-se por cuidar de agricultura "sendo metalurgista de profissão", mas confessa que desde os tempos de estudante, em suas viagens pela Europa, sempre demonstrou interesse pelo assunto.

O Instituto Histórico anuncia, como segundo volume da Coleção "José Bonifácio", o importante livro de Alberto Torres, **As fontes da vida no Brasil**, publicado em 1915 e nunca reeditado. Aguardemo-lo. 29-8-1992.

*

256. LIVRINHO INSEPARÁVEL

O grande escritor russo Dmitri Merejkowsky (1865-1940) inicia sua belíssima biografia de Cristo (**Jesus Desconhecido**), traduzida para a nossa língua por Gustavo Barroso, narrando possuir um exemplar do "Novo Testamento", já tão danificado de tanto usado, mas que não se dispunha a mandar encaderná-lo só para não ficar sem ele ainda que por pouco tempo: "É necessário encaderná-lo de novo, mas não tenho coragem de fazer isso com medo de me separar, mesmo por alguns dias, do pequeno livro". E o escritor realmente não o dispensava: "Leio-o todos os dias e o lerei enquanto meus olhos puderem ver à luz do sol ou à luz do meu coração, tanto nos dias mais refulgentes como nas noites mais escuras, na felicidade ou na desgraça, com saúde ou enfermo, crente ou incrédulo, sensível ou insensível. E parece-me sempre encontrar nele qualquer coisa nova ou ignorada..."

Sem ter, de longe sequer, a pretensão de imitar o escritor russo, posso dizer o mesmo com relação à minha **Imitação de Cristo**. Meu exemplar, embora não seja dos livros mais antigos de minha biblioteca, está, pelo uso constante, tão danificado quanto o "Novo Testamento" de Merejkowsky. E tal como nesse caso, também não quero mandá-lo encadernar,

“para não me separar, mesmo por alguns dias, do pequeno livro”. É verdade que atualmente disponho de recursos que não havia no tempo do autor do **Jesus Desconhecido**: a possibilidade de mandar copiá-lo, no todo ou em parte, pelo processo xerográfico, e usar a cópia enquanto o original ficasse no encadernador. Mas, receio que a antigüidade do volume possa danificá-lo ainda mais com este moderno processo de reprodução.

Descobri um pouco tarde a **Imitação de Cristo**. Minha formação espiritual na adolescência foi alimentada por outras leituras igualmente significativas, das quais um dia cuidarei, só vindo a conhecer o grande livro de Tomás de Kempis (1380-1471) quando já andava pelos vinte e poucos anos. E desde então - há meio século portanto - o pequeno volume me acompanha, dele lendo diariamente antes de começar qualquer atividade, uma das muitas seções em que ele se divide.

Da **Imitação de Cristo** provavelmente já se disse tudo o que poderia ser dito, como mui acertadamente afirmou o Conde de Afonso Celso ao iniciar sua tradução. Mais de seis séculos porfiaram em tecer-lhe elogios, mostrar-lhe as sublimidades, encarecer-lhe o subido valor, denominando-o uns o quinto Evangelho, chamando-lhe outros o melhor tratado de moral cristã, considerando-o todos o mais perfeito compêndio da vida espiritual.

Contam-se às centenas as edições do famoso livro, publicadas por numerosas editoras não só religiosas, mas também leigas, através de diversas traduções todas elas credenciadas. A de uma casa editora de Petrópolis, que utilizo, talvez seja a mais singela de todas, inclusive dispensando os eruditos comentários de Roquette, que, a partir de certa época passaram a complementar os ensinamentos do livro, segundo o autor o diz, mas que, a meu ver, nada acrescentam, espiritualmente falando, ao texto original. Seu autor nasceu em 1380, no povoado de Kempen (donde seu nome) na Holanda, e faleceu com mais de noventa anos, em 1471. 12-12-1992.

*

257. QUÍMICO INGLÊS, VIAJANTE NO BRASIL

Abro uma conceituada enciclopédia publicada em nosso país, no verbete consagrado ao químico inglês Charles Blachford Mansfield e, após a indicação das datas de seu nascimento e morte, leio apenas isto: “Descobriu o método de extrair benzol do alcatrão mineral, lançando, assim, as bases da indústria da anilina”. Correto. Corretíssimo mesmo. Mas, pareceu-me

estranho que uma enciclopédia editada no Brasil e que tanta ênfase costuma dar a assuntos brasileiros, não tenha feito a menor referência ao fato de Charles Mansfield (1819-1855), além do químico famoso que inegavelmente foi, ter sido também um grande viajante e, nesta condição, ter visitado o Brasil e outros países da América do Sul, resultando de suas viagens importante livro publicado em Londres, em 1856, pelos conhecidos editores MacMillan & Co.

Enfileira-se, pois, Manfield entre os numerosos viajantes que no século passado escreveram sobre o Brasil. Pouco depois de publicado seu livro, um certo A.D. Pasqual criticou-o severamente em... dois alentados volumes! Mas, fê-lo de maneira curiosa, talvez única nos quadros da bibliografia universal: transcreveu-o quase que inteiramente. No fim, acabou fazendo propaganda do livro... Talvez seja esta a razão (ou uma das razões) por que ninguém se tenha interessado em traduzir a obra do químico inglês. Ela já se encontra praticamente traduzida nas páginas de seu contestador... O único excerto que dele temos, em tradução direta, são as três cartas referentes ao Recife, traduzidas pelo historiador pernambucano Alfredo de Carvalho e publicadas na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, volume XXII, correspondente ao ano de 1920.

Certo, não é viajante para se emparelhar com Saint-Hilaire, Pohl, Gardner, Maximiliano, Martius e outros que tais. Mas também não é para desprezar-se. Demonstrou-o com muita propriedade a historiadora campineira Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci quando o tomou como tema de uma excelente, diria mesmo modelar comunicação a um congresso de história realizado em Curitiba, em 1990, e cujos anais já se encontram publicados.

Não era homem vulgar, pois cultivou diversas ciências, deixando numerosos trabalhos. "Seu estilo é simples, embora vivo, o que leva o leitor a contínua motivação; é bastante natural e singelo ao expressar-se, embora, muitas vezes, apressado em exprimir seus juízos de valores; cá e acolá é sarcástico em suas observações, sem, contudo, deixar de ser comedido". O que levou a Professora Maria Lúcia a cuidar de Mansfield, particularmente na parte referente ao Recife, tomando como referência a já mencionada tradução de Alfredo de Carvalho, foi o ter constatado - e com razão - o quanto seu livro é pouco conhecido mesmo por parte de alguns especialistas em literatura de viajantes estrangeiros no Brasil.

Uma semelhança de nome tem levado muita gente a confundir o inglês aqui mencionado com o alemão Mansfeldt, mercenário na corte de

D. Pedro I e também autor de um livro sobre o Brasil (**Meine Reise im Brasilien im Jahre 1826**), em dois volumes, publicado em Magdeburgo, em 1828. 12-9-1992.

*

258. RECORDAÇÕES DE LINDOLFO COLLOR

Um dos textos que mais interesse despertaram na **Pequena Antologia Republicana** que publiquei por ocasião centenário do novo regime e neste caso também pela raridade, foi a carta dirigida a Getúlio Vargas, então candidato à presidência da República, por Lindolfo Collor, pouco antes da revolução de 1930, precisamente a 12 de agosto do ano anterior. Político experiente do Rio Grande do Sul, Lindolfo Collor advertia a Vargas de que a eleição para a presidência da República, por importante que fosse, não era tudo; havia, certamente, coisas mais importantes a fazer para que as instituições republicanas não se comprometessem de vez. Poucas pessoas do meu conhecimento tinham notícia dessa carta e foi com verdadeira surpresa que tomaram conhecimento de seu teor. Não tenho dúvida em considerá-la uma das páginas mais significativas da literatura política brasileira.

Pela mesma ocasião transcorreu o centenário do nascimento do político gaúcho, o que constituiu momento propício para recordá-lo - ao homem e à obra -, resgatando a memória de um dos maiores homens públicos que o Brasil já teve. Participante da revolução de 1930, coube-lhe, no início da chamada "Segunda República", organizar o Ministério do Trabalho, de que foi o primeiro titular. Deve-se-lhe o esboço original da Legislação social brasileira, bastante deturpada posteriormente. Incompatibilizando-se com as tendências ditatoriais de Vargas, rompeu com ele, o que lhe custou prisão e exílio. Retornando ao Brasil, voltou à vida de imprensa, que sempre foi o seu maior centro de interesse. Faleceu com pouco mais de 50 anos, em 1942, deixando numerosos livros que foram revividos por ocasião de seu centenário.

Esperava que a ocasião propiciasse uma nova edição de seu livro mais importante, **Garibaldi e a Guerra dos Farrapos**, publicado em 1938 pela Editora José Olympio, na preciosa Coleção "Documentos Brasileiros" (volume 14) e reeditado mais duas vezes. Mas, graças à gentileza de sua filha, Sr^a Leda Collor de Mello, tive conhecimento de um vasto programa editorial a relembrar o jornalista, o político e o historiador. Não apenas o livro sobre a Guerra dos Farrapos (já em quarta edição), mas também outros que me foram enviados e que, embora com atraso, apraz-me registrar:

Europa, 1939, reedição, com apresentação do saudoso Francisco de Assis Barbosa. Trata-se de crônicas e impressões de uma viagem à Europa, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, com observações preciosas sobre a situação dos países por onde andou, naquele momento tão difícil da vida européia. **Origem da legislação trabalhista brasileira**, exposição de motivos, organizado e com introdução de Mário de Almeida Lima. Documento precioso para o conhecimento de nossa legislação social. **Sinais dos Tempos**, publicado originalmente em 1942 (ano de seu falecimento), reunindo artigos publicados na imprensa, com nota prévia de Américo Jacobina Lacombe e estudo crítico sobre o autor por Paulo Brossard. Versam os artigos sobre os mais variados temas: história, sociologia, política, economia, literatura e algumas páginas de natureza circunstancial. **Retrato de Lindolfo Collor**, dados sobre sua vida e obra, coligidos por sua filha Leda, com depoimentos de vários autores, dentre os quais Austregésilo de Athayde, Barreto Leite Filho, Costa Rego, Macedo Soares, João Luso, Luís Viana Filho, Maurício de Medeiros e Viana Moog. Finalmente, um volume dedicado à "Semana Lindolfo Collor", realizada em Belém do Pará, reunindo numerosos trabalhos também por expressivas figuras da vida política brasileira.

Louve-se a iniciativa da Fundação Paulo do Couto e Silva, que patrocinou a maior parte destas publicações. O autor desta nota agradece à Dona Leda pela oportunidade de conhecer a obra de seu genitor, bem como as realizações levadas a efeito pelo seu centenário, e ainda a divulgação, em nível nacional, de texto publicado na "Notícia Bibliográfica e Histórica" contendo a carta a Getúlio Vargas, de 1929. 3-10-1992.